

NATALIA AVILA

Autora de Não direi que é amor

A Conquistadora de Estrelas



“Uma aventura mágica que me deixou com vontade de ser pirata e navegar pelas estrelas também.”

– Marina Dutra, autora de *Sonho e Pesadelo*



Planeta

ATENÇÃO: APROVAÇÃO DE DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

NATALIA AVILA

A
Conquistadora
de
Estrelas



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Natalia Avila, 2025
Obra publicada mediante acordo com a Agência Magh
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Todos os direitos reservados.

Preparação: Lígia Alves
Revisão: Thiago Bio
Projeto gráfico e diagramação: Renata Zucchini
Ilustrações de miolo: Freepik
Capa e mapa: Mika Serur

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
(CIP) ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Avila, Natalia

A conquistadora de estrelas / Natalia Avila. – São Paulo :
Planeta do Brasil, 2025.

320 p. : il.

ISBN 978-85-422-3628-6

Ficção brasileira 2. Literatura fantástica I. Título

25-1120

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:

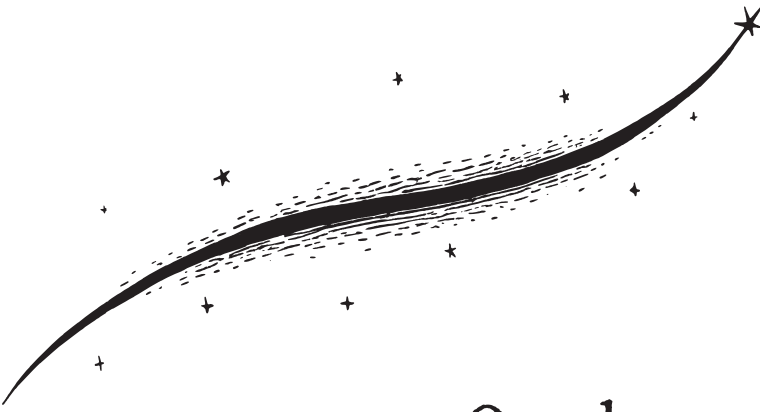
1. Ficção brasileira

Ao escolher este livro, você está apoiando
o manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.



O mal-entendido que precede um plano idiota

— Devo ressaltar, Hector, que preciso de sua absoluta discrição quanto ao que estou prestes a revelar. Quero contar nos dedos de uma mão quem está a par do ocorrido, e ainda assim sou um tolo por arriscar tanto. — A voz grave parecia inquieta.

Cecília se encolheu ainda mais dentro do gabinete de livros de seu pai, e abriu um pequeno sorriso ao falar sem som: *Juro que só vou contar para quem eu confio, caro estranho.*

A garota amava descobrir o que os outros tentavam esconder. Aquele lugar tinha começado sendo seu refúgio, um ponto seguro

para desaparecer por algumas horas e se entregar à paz da escuridão. Era estranho para as outras crianças, mas ela amava brincar de tentar enxergar o que havia além do breu, como se algo fantástico se escondesse ali, aguardando. Uma parte dela ainda procurava por essa coisa que não tinha nome nem forma – como são todos os sonhos desconhecidos.

Porém, ela não era mais tão criança, e agora, aos dezessete anos, mal podia respirar sem ousar esbarrar na porta e ativar as dobradiças velhas e fofoqueiras, prontas para denunciar sua presença intrusa. Havia começado a espionar as reuniões confidenciais aos doze anos, logo que a casa ficara vazia demais. Foi quando seu irmão partiu subitamente, prometendo algo sem sentido sobre uma *vingança*.

Cecília conhecia o sentido da palavra, mas, no dia em que um garoto jogou seu livro de sonetos no chão só porque ela preferia ler a assistir uma corrida de cavalos, foi que experimentara a sensação. Ainda assim, não sabia como esse sentimento poderia mover alguém a atravessar fronteiras.

Isso porque Cecília Maria Angélica Cerulius era feita de muitas coisas: ideias mirabolantes, palavras emprestadas de poemas, uma dose injusta de sorte e muita... muita teimosia.

Na verdade, noventa por cento da garota era pura teimosia. Tanto que até mesmo o firmamento sempre fazia sua vontade só para não ter o trabalho da discussão.

Mas ela também era a filha caçula do Marquês Hector Cerulius, responsável pelas frotas do Reino de Traberan, o que significava que era muito privilegiada. A menina havia tido tantos tutores quanto poderia para lhe ensinarem: piano, pianola, idiomas estrangeiros, história antiga, história atual, história especulativa, literatura, filosofia, economia, alquimia e até mesmo confeitaria. Cecília era dedicada em cada um de seus desafios, tendo uma sede por conhecimento que rivalizava com a ambição dos mais ricos do mundo. Só havia desistido de vez de fazer merengue decente, pois às vezes desandava e aguava de maneira inexplicável.

E, sendo uma jovem da nobreza, era natural que visitasse frequentemente o palácio e fizesse amizade com outras damas distintas. Porém, fora justamente entre as mais influentes personalidades do Reino de Traberan que ela havia aprendido coisas que seus tutores seriam incapazes de conceber – especialmente porque eram inapropriadas para donzelas na flor da idade.

Aprendera, por exemplo, que você jamais deve confiar em uma informação a menos que outras duas pessoas também a confirmem em segredo absoluto. Aprendera a jogar cartas e fora ensinada que você não precisa de sorte para ganhar se memorizar as jogadas dos oponentes. Aprendera que não conseguia ganhar nos dados porque a mesma estratégia não se aplicava – e é claro que fora esse jogo que despertara sua atenção.

Ela queria a imprevisibilidade, uma vez que sua vida era, por mais que ela relutasse... *chata*. Vivia com uma sede que poderia fazê-la beber o mundo, mas de novo e de novo se encontrava naquele mesmo armário onde mal cabia, à espera de algo fenomenal acontecer. A escuridão, porém, nunca a olhava de volta.

Afinal, pertencer à nobreza é nascer tendo feito um pacto não intencional com uma série de regras sem sentido, e a mansão dos Cerulius, onde crescera, havia ficado grande demais sem seus irmãos mais velhos, Jim e Leo. Dois idiotas, francamente – se bem que todo caçula tem certeza de que os irmãos mais velhos são, ao mesmo tempo, seus heróis pessoais e as pessoas mais imbecis que existem.

No caso dos irmãos de Cecília, um havia passado os últimos cinco anos sendo feliz e viajando o mundo com a esposa, voltando para casa apenas em datas comemorativas repleto de presentes exóticos, sorrisos fáceis e histórias tão secretas que começariam guerras se caíssem nas bocas erradas. O outro havia partido quando ela era apenas uma criança, e estava ocupado demais preso em outra dimensão para se preocupar em enviar um cartão de aniversário.

Enfim, rotina da nobreza. Problemas de uma família normal.



Alguns poderiam pensar que, se seus irmãos tivessem ficado por perto para herdar as responsabilidades da família, Cecília teria tido uma juventude simples. Mas aqueles que diziam isso não eram confiáveis, pois estava claro desde o início que a garota tinha nascido para desafiar as estrelas. E, bom, se ela não tivesse, não haveria uma história decente para contar – e ninguém precisa perder tempo com histórias que não valem a pena serem repetidas, não é?

O fato é que Cecília ficou parada como um gato ao ouvir os passos calmos de seu pai seguidos dos passos firmes de outro alguém adentrando o escritório. Prendeu o riso quando os dois se sentaram no sofá de couro fazendo um som escatológico e indecoroso que apenas dois adultos poderiam ignorar com naturalidade. A garota levou a mão à boca para se conter, pois estava grande demais para rir de barulho de *pum*. Essa reação seria imperdoável para uma jovem dama.

Não que aquilo importasse, mas, já que as dobradiças não tinham denunciado sua presença, ela deveria manter o voto de confiança. Tinha retornado para casa havia dois meses e ansiava por saber qual missão seria confiada a ela a seguir. Desde o noivado da Princesa Sabrina de Traberan com Lady May Gimez, ela começara a ser distanciada das funções sociais – que consistiam basicamente em organizar festas, confraternizações e festivais para que as negociações do reino fluíssem de forma diplomática internamente e com outros territórios – e começara a agir dentro das operações, mapeando rotas marinhas e otimizando embarcações. Não tinha permissão para ficar longe de casa mais de uma semana, mas desejava um voto de confiança maior, e começara a perceber que conhecimento também significava liberdade.

Cecília notara que o pai parecia genuinamente surpreso com alguns dos projetos náuticos da filha, que começara a fazer seus talentos serem notados aos treze anos. Fazia pequenas modificações em uma caravela quase esquecida pela marinha, apesar de estar em bom estado. Ela havia feito alguns testes para novas ve-

las com pedaços de tecidos de seus vestidos que vieram diretamente da misteriosa República de Nanrac em modelos menores da embarcação (*brinquedos*, mas Cecília não usaria esse termo nem sob tortura) e pouco a pouco reformara a caravela nos mínimos detalhes – o que não vinha ao caso naquele momento, pois o que realmente lhe interessava era a curiosidade pulsante sobre o que seu paialaria ao desconhecido.

Cecília arriscou olhar pela fechadura, uma fenda de luz iluminando seu olho verde-esmeralda enquanto ela procurava uma visão melhor do estranho. Só conseguiu distinguir o cabelo loiro besuntado de gel e a ponta de um bigode opulento. Na ombreira de seu traje estava um broche de ouro em forma de asas – o símbolo dos Gimez –, o próprio duque. Ele era pai de uma de suas melhores amigas, mas nunca estava por perto. Então, se ele viera até a mansão dos Cerulius, deveria se tratar de algo urgente. E, definitivamente, não era uma festividade alegre para celebrar a colheita. Cecília prendeu os lábios, preparando-se para ouvi-los, mas as formalidades adultas e a preparação do charuto, além do ritual de girar o uísque no copo, duravam uma eternidade.

– É sempre um prazer recebê-lo, Vossa Graça. Qual seria a natureza do nosso afortunado encontro? – Marquês Hector Cerulius quebrou o silêncio, não soava tanto como seu pai. Fingiu uma postura relaxada ao acender o fósforo e bafou algumas vezes a fumaça em um gesto que Cecília não entendia como poderia ser divertido.

– Podemos pular as formalidades, Hector. Nossa aliança não fluiu como gostaríamos por causa de seus filhos...

– E de sua filha. Nem eu nem você poderíamos ir contra a vontade da Coroa. – Sua voz parecia sorrir.

– A princesa herdeira é mimada e impulsiva. Incapaz de gerar um herdeiro por mérito do próprio capricho. Uma *irresponsável*. E é por isso que nossa cumplicidade precisa se estreitar pela honra de dois homens. – O modo como ele dissera a última palavra embrulhou o estômago de Cecília, que se segurou para não sair do



armário e dizer poucas e boas. Mas fazer isso a denunciaria. Ela ficaria de castigo, o duque voltaria para casa satisfeito, achando que estava certo, e o pior: ela não saberia o precioso segredinho desse aristocrata safado.

— O que se passa? — O marquês levantou a sobancelha.

— Você bem sabe que o ducado de Gimez fica no extremo norte de Traberan. No litoral — ele acrescentou, como se alguém precisasse de lições de geografia.

— Naturalmente que sim. Há problemas nas suas terras?

— Você, meu caro, não encontraria terras mais prósperas daqui até Montecorp. A questão é que aquela ilhazinha insolente resolveu se manifestar após dezoito anos sendo irrelevante nas transações comerciais.

— Bosnore enviou notícias? — O pai de Cecília havia quase engasgado com a fumaça.

A garota revirou a própria mente à procura do que sabia sobre aquele lugar. Não aparecia muito nas aulas de história ou de geografia, sendo ignorado pela maioria dos tutores como um território fadado ao fracasso. Seu rei tinha mais de 85 anos, e nenhum herdeiro de sangue ou criação. Ninguém na linha de sucessão, nenhuma riqueza pungente. Já possuía ouro e plantações medicinais, mas, após ter sofrido os efeitos de uma onda gigante quinze anos antes, nenhum aventureiro ou diplomata se importara com a ilha, temendo atrair a má sorte para seus próprios reinos. Mais uma vez o egoísmo dos homens falara mais alto, e Bosnore fora deixada para o esquecimento pelo mundo. E especialmente pelo seu principal aliado: Traberan.

Cecília se lembrava vagamente de contarem sobre uma expedição que enviara medicamentos, trigo e arroz para a ilha devastada, mas na época ela só tinha dois anos, e ninguém fizera questão de registrar apropriadamente o que acontecera para compartilhar com ela depois.

O duque se acomodou na cadeira novamente, o ruído indecoroso mais alto dessa vez.

— Eu daria a cabeça do meu melhor cavalo em troca de *notícias*, simplesmente. Veja por você mesmo.

O marquês segurou em suas mãos o pergaminho que tinha o selo rompido, e, enquanto seus olhos cruzavam as linhas, seu rosto ficou pálido. Hector colocou sobre a mesa alguns documentos, e do armário a garota só conseguia identificar o selo de alguns outros territórios.

— Esse... rei conseguiu o apoio de Nanrac? — O marquês não quis acreditar.

— E um dos nossos navios de carga desapareceu na rota de Bosnore. Há o registro de uma tempestade, mas eu apostaria o selo da minha família que esse bastardo fez isso como um sinal de alerta.

Cecília não estava acostumada a ver o pai naquele estado, parecendo vulnerável. Ela ainda não sabia o que ele havia lido, mas o ar ao redor pareceu mais quieto. Mais frio. Ou talvez fosse só o modo como ele levantava a sobrancelha, buscando a presença nada reconfortante do duque para lhe dizer que tudo não passava de uma piada de mau gosto. Ele deveria ser destemido, invencível, brilhante — assim como ela. Após alguns instantes de silêncio mortal, o duque o quebrou ao se levantar.

— Se quisermos acreditar em sorte, em cinco dias temos um jantar no palácio, podemos nomear a pessoa ideal para essa missão e selar um acordo de paz. Traberan não pode arcar com um conflito agora, não com a incerteza da existência de um herdeiro para o trono. Somos frágeis diante de outras nações. Você sabe quem eu tenho em mente, Hector. — O tom de voz do duque indicava que isso não era uma conversa. Era uma decisão já tomada, que ele informava por algum interesse próprio.

— Acha mesmo que ela está pronta? É só uma menina — Hector ponderou, as palavras soando ocas.

Cecília gelou. Seu pai estava falando *dela*, para sabe-se lá qual destino perigoso e vital que estava em risco. Seu sorriso se abriu, descaradamente largo. Em pouco tempo ela poderia gritar, nunca se sentira tão feliz! O pai lhe confiaria uma missão importante.



E, sim, a garota era claramente irresponsável, pois, mesmo se antecipasse as desgraças que aconteceriam com ela, teria comemorado do mesmo jeito.

— Tão pronta quanto qualquer um de nós. E com sorte vamos conseguir colocar um fim no fiasco que é esse reino. Um teatro para o qual eu jamais compraria o ingresso, e ainda assim sou forçado a assistir de camarote.

— E para que você precisa de mim?

— Você tem acesso aos melhores navios. Precisamos causar impacto em Bosnora. Eles podem ter seu *brinquedo* de volta, mas precisam saber que ameaçaram o reino errado. — Uma veia verde se mexia como uma cobra na testa avermelhada do duque. Sua voz era baixa, controlada, apenas para disfarçar sua ira.

— Fique calmo, Vossa Graça. É o tipo de situação diplomática delicada, mas facilmente solucionável.

— Você diz isso porque suas terras não estão na linha de frente desses selvagens liderados por um bastardo. Isso acaba o quanto antes. Já chega de vexames protagonizados por Traberan.

O duque se levantou, ajeitando seu traje elegante por costume, sempre impecável. O marquês seguiu o movimento e saiu do escritório, acompanhando-o até a porta.

Cecília sabia que eles demorariam exatos cinco minutos andando calmamente do escritório até a saída da mansão, mas os dois estavam apressados e ela teria menos tempo do que gostaria para ler o conteúdo do pergaminho.

E da sua próxima missão.

Uma missão de *vida ou morte*.

Pelas forças do caos, a última vez que sorrira assim tinha sido quando nomeara sua caravela. E antes disso, quando convencera sua mãe, a Marquesa Berenice Cerulius, a ficar com uma gatinha cinza que encontrara nos fundos do quintal. Cecília havia afirmado que a gata tinha olhos verdes, assim como os seus e os da mãe, portanto era parte da família. Ela a batizara de Lua, já que parecia a lua cheia nos dias frios, quando se deitava como uma bolinha, e

uma lua crescente nos dias quentes, em que ficava esparramada pelos cantos. A gata não se esforçara para conquistar toda a família, era fofa e dengosa demais, e no fim da semana já tinha obtido o direito de dormir no travesseiro ao lado da garota. Passara a acompanhá-la em todas as viagens.

Cecília empurrou a porta do armário com menos cuidado do que deveria, o ranger do metal arrepiando sua espinha.

— *Shuuuu!* — ela disse, franzindo o cenho.

A jovem capitã estava prestes a saber seu próximo destino. Os dedos dela encontraram a superfície áspera do papel gasto pela maresia e pelo suor. O pergaminho era maior em suas mãos do que parecia quando espiara seu pai. Ela o desenrolou apressadamente, lutando com a folha, que tentava voltar ao formato anterior. A caligrafia era nítida e bela — o contrário das notícias que a garota lia.

Bosnore não havia entrado em queda vertiginosa na última década, pelo contrário. Tinha se reerguido com o auxílio da República de Nanrac (cujo funcionamento Cecília só conhecia graças a histórias contadas por seu irmão e sua cunhada), alegando ter sofrido uma pilhagem desleal em seu momento mais vulnerável.

O rei por fim havia desistido de um herdeiro legítimo, uma vez que nenhuma de suas esposas sobrevivera ao parto e ele não tinha mais o rigor necessário para se casar. Porém, o Príncipe Klaus, de 21 anos, agora clamava o direito ao trono, por compartilhar o mesmo sangue do rei.

Ah, um bastardo, Cecília entendeu, levantando a sobancelha. Ainda era uma questão determinante em algumas partes do mundo — inclusive em Traberan —, mas nunca fizera sentido para a garota. Um filho é um filho, não importa o sangue. Família é quem te orienta, troca seus cueiros e ainda faz o favor de te suportar no fim do dia. É quem olha para você com orgulho e diz que te ama mesmo com todos os seus defeitos (não que ela tivesse algum que fosse admitir em voz alta).

Os passos voltaram firmes pelo corredor; seu pai estava se aproximando. Ela deixou seus pensamentos em uma gaveta men-



tal para analisar depois e correu pelas linhas do pergaminho antes de o enrolar de volta, repassar as informações na mente e apoiá-lo na mesa de centro.

Saiu pela janela, andando com cuidado pela borda do parapeito até a que dava em seu quarto. Magda, a governanta, deu um pulo para trás ao ver a menina se jogar para dentro de seus aposentos e xingou algo baixinho quando Cecília assoprou um beijo em sua direção. A senhora era seu membro favorito da família, pois não contava aos pais da garota sobre suas travessuras nem a repreendia.

Cecília viu o caderno aberto sobre sua escrivaninha, repleto de rascunhos para alterações que ainda gostaria de fazer em sua caravela, esboços desenhados com carvão, rascunhos de cálculos, rabiscos sem sentido de nuvens e estrelas e trechos de poemas que escrevia repetidamente quando estava entediada. Lápis, canetas-tinteiro, tubos de tinta vazios e um vaso de flores frescas que Magda cultivava a encaravam de volta.

Ela anotou tudo de que se lembrava sobre o pergaminho, mas se irritou ao não recordar bem do final nebuloso. Não tivera tempo o bastante para ler com calma. Não prestara atenção. Era algo sobre levar de volta a Bosnora um item que aparentemente fora roubado por Traberan e que era um tipo de relíquia histórica.

Um cacareco que ninguém usava em troca de uma aliança pacífica e do cessar de um conflito que ainda não tinha começado. Parecia razoável.

E o melhor era que o todo-poderoso Marquês Hector Cerulius havia escolhido sua filhinha caçula para essa missão de extrema importância. Certamente pelas informações confidenciais que ela possuía sobre Nanrac, o Povo Submerso, história do mundo e tudo mais.

Cecília sabia o que seus tutores lhe ensinavam e sabia mais ainda do mundo pelos relatos de seu irmão e de sua cunhada. Coisas que ainda não estavam nos livros, como o trono do Povo Submerso, que seria herdado por uma sereia, irmã da esposa de seu

irmão, uma das guardiãs dos segredos dos mares. Cecília às vezes se perguntava se de fato veria uma sereia e viveria para contar a história. A relação entre a superfície e o povo do mar só existia amigavelmente na República de Nanrac; fora isso, um fingia amigavelmente que o outro não existia.

Finalmente a responsabilidade real que ela tanto esperava. Finalmente a tal chance de ver o desconhecido de perto. Ela não tinha certeza do que deveria fazer, mas sentia na vibração de seu sangue que era algo *grande*.

Cecília olhou para sua cama, os lençóis de algodão de Ellioras perfeitamente retos, as almofadas azuis com hortênsias bordadas enfileiradas e Lua dormindo no topo de todas elas. Nada ali se parecia de verdade com ela, todas as peças escolhidas por sua mãe com o melhor que uma garota nobre poderia ter. A garota franziu o cenho, desejando estar no caos organizado de seu quarto na cabine da caravela, onde realmente sentia que estava em um lugar do mundo feito para ela.

Correu até a gatinha e apoiou a cabeça sobre seu corpinho macio, ouvindo-a ronronar. Respirou fundo, torcendo para que seu pai batesse à porta do quarto e lhe desse a boa notícia. Em cinco dias ela brindaria em segredo com Princesa Sabrina de Traberan e sua esposa, Lady May Gimez, no jantar oferecido por Sua Alteza Real. Elas naturalmente eram de confiança e suas amigas mais queridas. A diferença de idade ainda as fazia parecer irmãs mais velhas de Cecília, porém a garota havia tocado piano em sua festa de noivado e no casamento, o que as tornara ainda mais próximas.

A jovem capitã respirou fundo, sabendo que deveria estar com tudo pronto para partir imediatamente nessa data, mas ainda havia trabalho para ser feito na caravela, se ela quisesse chegar a salvo à costa de Bosnore. Um arrepio percorreu seu corpo ao perceber que era sua primeira missão realmente importante, mas ela sabia que estava pronta.

Ainda que significasse velejar por águas amaldiçoadas – ou assim diziam desde a onda gigante que derrubara o reino. Os



boatos sobre o mar flutuante eram soprados entre os marinheiros no porto, o tipo de conhecimento que não se encontra nos livros ou com tutores, mas com aqueles que aprenderam com o balançar das ondas e com histórias apuradas em cada porto.

No último ano, Cecília fazia o trabalho de apresentar a marujos e grumetes conhecimento básico sobre geografia, história e linguagem. Lendas deveriam andar lado a lado com o conhecimento testado, não como norte e sul – polos inalcançáveis. A garota tocou na pata da gata, massageando suas almofadinhas.

– Imagina isso, Lua. Um mar que flutua sobre nossas cabeças faria de nós um tipo de peixe? Ou membros da corte do Povo Submerso?

– *Miaaaaau* – ela fez o miado de *talvez*. Cecília estudava cinco idiomas, mas era fluente em *gatês*.

– Você vai comigo nessa também? – Ela se deitou de bruços na cama, e sua gata virou o queixo para cima, como um croissant de cabeça para baixo. – Ok, *você* dorme mais um pouco. *Eu...* – Ela colocou a mão sobre o coração. – Vou fazer algumas alterações em *Aurora* e volto com peixe fresco ao entardecer.

– *Miau!* – *obrigada!*

A garota olhou para a porta do quarto, tentando ouvir passos vindo do corredor na esperança de o pai pedir licença para entrar e os dois terem uma daquelas longas conversas, que sempre a faziam entender melhor como o mundo funcionava. Só encontrou o silêncio. Teria que esperar até que ele decidisse falar com ela.

Cecília sacudiu os pensamentos e pegou uma folha em branco, um giz e a pintou sobre seu projeto desenhado no caderno, transferindo o desenho em uma versão rudimentar, porém legível. Atravessou as portas da mansão com o esboço em mãos e saiu pelas ruas de Realmar com uma animação contagiante. Quando voltou para casa, o céu estava a alguns instantes de escurecer e as primeiras estrelas apareciam.

Estava claro para todo o firmamento que era uma ideia ruim, mas era tarde demais para impedir Cecília de fazer o que ela es-

tava prestes a fazer. Uma guerra irromperia graças à imprudência da menina, que olhava o mundo como se fosse alcançá-lo por inteiro. Ela não compreendia o perigo da missão ou o que aconteceria se a tal relíquia caísse em mãos erradas.

Mas uma estrela em particular a perdoou sem se esforçar. A garota *não sabia*, e seu coração só tinha sonhos, boas esperanças e uma dose incompreensiva de teimosia. Quem poderia imaginar a bagunça que causaria?

Quem poderia culpá-la?

